1.º anno — Lisboa, 26 de janeiro de 1885 — Numero 31

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Fiquem *voccencias* desde já sabendo que disponho de muito pouco espaço.

. . . .

E sabido isto, não venham depois exprobrar-me a falta de consideração pelos assumptos da semana; não venham amanhã dizer-me que eu espreito, á janella da chronica, os factos palpitantes, para em seguida fechar a dita janella nas bochechas da humanidade, recolhendo-me silencioso a bastidores.

D'esta vez vi e ouvi muita coisa: declarações de guerra politica, que se proclamaram aos quatro ventos; Niagaras de rhetorica parlamentar caindo aos borbotões sobre a cabeça do indigena; jorros de harmonia deslisando suavemente pelos labios de cantoras celebres; incendios devastadores fazendo victimas; velhos actores dizendo o ultimo adeus á scena da vida; bellos artistas da caricatura transformarem-se em fabricantes de loiça das Caldas; accordos politicos desfeitos ruidosamente ao sopro nefasto das paixões partidarias . . .

EGREJA DE S. FRANCISCO, EM GUIMARÃES

Vi tudo isso, e ainda muito mais, baralhar-se no kaleidoscopo colorido dos successos da semana; ouvi discursos retumbantes, objurgatorias violentas, facecias grotescas, prantos de saudade, vozes crystalinas, gritos de guerra, mas sou forçado a condensar em quatro palavras curtas a noticia de quanto presenciei ou me afagou carinhosamente os ouvidos.

Em S. Carlos, a velha *Traviata* pela Sembrich. Em S. Bento, a *questão politica* pelo sr. Antonio Candido. No theatro lyrico, a famosa cantora polaca a subjugar-nos com o prestigio da sua voz brilhante e avelludada. No theatro parlamentar, o illustre orador progressista a assombrar-nos com a sua palavra magica e eloquente.

D'um lado o formoso *spartito* com que nos embalaram em creança. Sembrich a morrer cantando e a encantar-nos morrendo. As melodias plangentes da bella musica italiana a imprimirem-nos dentro d'alma uma vaga tristeza dulcissima, impregnada de perfumes embriagantes e consoladores.

Do outro, a velha partitura estafada da politica, com que nos embalam na maioridade as amas seccas da governação do paiz: uma opera sem colorido nem sabor moderno, com instrumentação de sanfona e bombo.

D'esta vez, a parte da *prima-donna*, no *spartito* cantado em S. Bento, teve por interprete o sr. Antonio Candido, artista da palavra, cinzelador da phrase academica e burilada. Mas, francamente, agradou-nos muito mais a Sembrich: trouxemos da *Traviata* recordações mais gratas, apesar do fiasco do tenor, a quem Deus não fadou, de certo, para definir Armandos sentimentaes e enamorados.

A proposito de tenor, não sabemos bem se foi o sr. Braamcamp quem se encarregou d'este papel, na conjura dos huguenotes

progressistas de S. Bento. A voz de s. ex.ª não está ainda classificada. Hei de pedir ao commendador Antonio Duarte que a defina nas suas criticas musicaes do *Jornal da Noite*.

Todavia, pareceu-nos que o venerando estadista foi effectivamente o tenor da opera. Aquella pallidez romantica não póde ser nunca d'um barytono. Aquella maviosidade de emissão não é, seguramente, o caracteristico d'um baixo cantante.

Emquanto nos não disserem que estamos em erro, o sr. Braamcamp ficará sendo para nós o Gayarre da Granja, o sr. Antonio Candido a Sembrich, o sr. Navarro o Nannetti, o sr. Luiz Jardim o Sparapani, e o sr. Carlos Lobo d'Avila um tenorino gentil, que se inicia galhardamente nos segredos da escola italiana... uma especie de Guille do progressismo.

Por ora deu-nos este brilhantissimo elenco promettedor o primeiro acto da opera:—*dichiarazione di guerra*, com solos de tenor e de soprano. O epilogo desenrolar-se-ha dentro de poucos dias. A orchestra está no seu posto, a *claque* preparada, as galerias cheias. Vamos ouvir a *romanza* do barytono, e aguardemos o desenlace.

*

=Emquanto se desencadeavam estas luctas tremendas entre dois partidos politicos da nossa terra, um que governa, outro que pretende governar, morria o velho actor Theodorico muito serenamente, muito modestamente—por que ha quem morra assim—na sua casa tão singela como elle era, como elle foi sempre.

Ha um mez, o Rosa Pae do *Alfageme de Santarem* e do *Marquez de la Seigliére*: agora o Theodorico do *Camões do Rocio*, da *Patria* e da *Lei dos Morgados*, o bom Theodorico que, com o seu vozeirão enorme, enchia o nosso theatro normal, nos tempos felizes em que os theatros de Lisboa não haviam ainda chegado á deploravel decadencia de hoje.

Um collega nosso, registrando o passamento do artista illustre, narrou ha dias o seguinte caso:

«Quando o enterro do Rosa Pae passava pelo Rocio, duas mulheres do povo, que assistiam curiosas e espantadas a esse enorme cortejo funebre, e faziam as suas observações ácerca das pessoas suas conhecidas que iam no prestito, apontaram para um velho, macillento, de faces cavadas, que acompanhava o enterro, e disseram:

—Olha o Theodorico!

—Eia! como elle está velho, observou uma d'ellas, póde ir preparando as malas, que esta aqui esta a ir fazer companhia ao outro.

O Theodorico ouviu a sinistra prophecia, e achou-lhe immensa graça.

Contou-a a Francisco Palha, rindo muito da historia, chalaceando com o vaticinio lugubre da prophetisa do Rocio. Rosa pae enterrou-se ha um mez, e hoje lá vae fazer-lhe companhia o pobre Theodorico!»

Faz pensar esta abalada rapida de todos os velhos artistas que, ao lado uns dos outros, em convivio estreito e perfeitamente fraterno, deliciaram nossos avós e nossos paes no theatro do Rocio.

Parece que, quando um cae, prostrado pela mão da morte vigorosa, fria, implacavel, os restantes não podem ou não devem sobreviver-lhe.

Afigura-se-nos que os velhos heroes do palco, formando uma familia, um corpo unico, juraram entre si abandonar o mundo terreno quasi ao mesmo tempo, sem intermitencias longas.

O golpe que fere um d'elles, fere-os a todos simultaneamente, e mata-os. Representaram juntos e juntos querem acabar.

Quantos restam ainda d'essa pleiade illustre? Poucos, rarissimos. A Talassi, o Taborda, o Santos...

A primeira está velha e enferma. Santos está cego e triste. Apenas o bom Taborda não cegou nem envelheceu, mas lá vae arrastando a sua surdez rebelde longe da scena, onde foi astro de primeira grandeza, lá vae sendo ferido, no intimo d'alma, pelas maguas esmagadoras que se inspiram de tanta visita aos cemiterios.

*

=Tambem deu a alma a Deus o *Antonio Maria*, mas este, ao invez do bom Theodorico, não expirou serenamente, modestamente; foi-se cheio de rancores, testemunhando odios, explosindo maldições, arrotando orgulhos.

A causa do seu passamento é duvidosa, desconhecida mesmo. Parece que Bordallo Pinheiro se agastou com o jornalismo de Lisboa, por elle não realisar o bando precatorio, a despeito da prohibição governativa. Como o bando não sahisse da rua do Alecrim—dizem—sahiu elle da imprensa, chamando-lhe nomes feios na hora extrema, appellidando-se a si proprio o unico jornalista genuino da commissão de soccorros á Andaluzia.

Ora acontece que, entre os membros da commissão da imprensa, já desfeita, só havia um que não era jornalista:—Bordallo Pinheiro.

Artista, e por tal signal um bello e inspirado artista, é o que s. ex.ª foi sempre, mesmo antes de ser amanuense nas Côrtes.

Que o diga Ramalho Ortigão, que o diga tambem o espirituoso *Pan* das gazetilhas picarescas, duas cabeças fallantes pelas quaes se guiava o lapis feliz do caricaturista insigne.

Bordallo deixou-se de illustrar jornaes burlescos para ir illustrar loiça das Caldas. E' mais rendoso e mais pratico.

Deixamos de ter o *Antonio Maria* com boas caricaturas e facecias desopilantes, mas, ao menos, resta-nos a consolação de podermos substituir á nossa meza a loiça das Caldas, primitiva e ordinaria, por bellos pratos onde a mão habilissima do intelligente artista esculpio desenhos correctos e vistosos.

O *Antonio Maria* não moralisou talvez a sociedade, não moralisou os costumes, não moralisou os homens. A loiça de Bordallo Pinheiro, finissima, elegante, moderna, abrir-nos-ha o apettite á mesa, entre a sopa e a primeira entrada, concorrendo poderosissimamente para que o nosso estomago se fortaleça. Ora um homem bem jantado sente-se mais propenso á moral que um sujeito faminto. E' de crer, pois, que a resolução acertada do insigne caricaturista concorra mais do que o burlesco jornal defunto para a moralisação do nosso meio social. Fiamos da Providencia que assim succeda, e seremos francos dizendo a Bordallo que não fechou com chave d'oiro o arsenal da sua *verve* inexgotavel.

Quem dispõe de tão formoso talento e de tão bello espirito, tinha obrigação de dizer um outro adeus mais sympathico e affectuoso á imprensa, ao trocar a caricatura do jornal pela illustração dos vasos etruscos.

*

=A cotação dos nossos fundos tem baixado consideravelmente no mercado londrino, mercê dos manejos e especulação da agiotagem, segundo affirmam varias sumidades politico-financeiras do paiz.

Eu bem sei que não te abala isto nem te commove, queridissima leitora, mas consente que t'o diga, para descargo de consciencia.

A Inglaterra desconfia do nosso credito, quando é certo que nós tinhamos bem mais rasão para duvidar da pureza da sua estima, d'aquella estima tradicional e lendaria, tão *desinteressada* e tão *sincera*. Fiz muito bem.

Eu não sei até onde esta descida de fundos, lá fóra, poderá levar-nos, cá dentro, mas é de crer que nos não arraste á penuria extrema.

O paiz está cada vez mais prospero. E' ver o manancial de riquezas que desliza quotidianamente para os granadinos *terremotados*. Com um pouco mais, chegaria para matar o *deficit*, o monstruoso pachiderme em que tanto se falla.

*

Concorreu para tornar a semana finda interessantissima e rica de episodios, a historia d'um preso que se esgueirou da Torre de S. Julião da Barra, onde fôra enclausurado por crime d'assassinio. Tinha sido soldado e matára um superior seu. A justiça humana condemnara-o a prisão perpetua. O santo homem não esteve pelos autos, e quiz espraiar a vista por mais largos horisontes que não fossem os circumscriptos á sua negra e humida cella da Torre.

Vae d'ahi, fugiu. Recapturado alguns dias depois, levaram-n'o para uma enxovia do quartel do Carmo, d'onde tornou a escaparse, muito a salvo.

D'aventura em aventura, foi novamente dar com os ossos na tarimba da prisão primitiva, d'onde ámanhã se evadirá uma outra vez, provando ás justiças da nossa terra que não ha nada como ser preso para poder andar solto.

*

Corre insistentemente o boato de que uma formosissima senhora de Lisboa, bastante conhecida entre a *fashion* dourada, vae em breve debutar, como actriz, no theatro de D. Maria.

Por emquanto não me reputo authorisado a revelar-te o nome da futura artista, mas dentro d'alguns dias te direi quem ella é.

Mysterio!

E já que fallei do sexo gentil, aguçando-te a curiosidade, permitte-me duas palavras a *Gilberta*, a intelligente e insidiosa chronista das *Instituições*.

Como vês, ainda ella, sempre ella! Este sestro é mais forte do que eu proprio!... Então?...

Descobriu agora a causticantesinha *Gilberta* ter eu devaneiado, quando affirmei que a critica madrilena desdenhára da bella Devriés.

Não devaneei, excellentissima, juro-t'o.

Conheces *El Estandarte*, o orgão de Canovas, um jornal conceituadissimo, onde costuma fazer-se boa critica d'arte? Pois lê o numero 261, de 24 de novembro ultimo, 4.ª columna, 3.ª pagina. Preadivinhava já que tu, minha buliçosa *Gilberta*, havias de bedelhar com aquella affirmativa. E como *El Estandarte*, outros muitos.

Queres ler? Offereço-t'os, como te offereço d'aqui, ás duas da madrugada, a homenagem e a genuflexão do meu respeito.

. . . .

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

IV

A ignorancia de muitos criticos modernos tem attribuido ao grande movimento romantico d'este seculo um caracter completamente diverso do que elle teve na realidade. Se muitos chegam a não perceber o nome de «litteratura romantica» imaginando que se chamou assim porque não pintava senão casos romanescos e ideaes, e que, se o realismo não viesse restituir á arte o seu caracter de verdade e de observação sincera, não haveria na litteratura senão ouropel e lantejoulas, sentimentos ficticios, convencionalismo, rhetorica, declamação e em phase!

Os que se occupam com seriedade d'estes assumptos sabem perfeitamente como são falsas todas estas affirmações. A litteratura romantica chamou-se assim porque foi procurar os seus modelos á antiga litteratura medieval da lingua *romana*, em contra-posição com a litteratura classica, que, desprezando completamente a arte medieval, não reconhecia como bello senão o bello antigo, o velho ideal de Grecia e de Roma.

Alem d'isso os romanticos, longe de desprezarem a verdade, fizeram d'ella pelo contrario o seu idolo e a sua musa. Oppozeram á litteratura de estufa, que o velho regimen legára, uma litteratura que se espanejava livre e exuberante em plena luz e em plena vida. A litteratura até ahi fora uma litteratura cortezã. falsa como tudo o que vivia n'aquella atmosphera estreita e artificial. As conveniencias dominavam tudo. Os sentimentos não se exprimiam senão debaixo de uma forma delicada e cortez. Quando Orosmane, um Othello amaneirado que Voltaire inventou, interrompia um discurso cheio de objurgatorias á sua amante, para lhe dizer: *Zaïre, vous, pleurez*, o author e o publico exigiam que Zaira, como uma menina bem educada, escondesse as lagrimas com o lenço. Como uma actriz ingleza, que representou este papel, entendeu que devia dar largas ao desespero de uma christã da meia edade, Voltaire criticava-a amargamente, notando que Orosmane, em presença do modo como ella interpretava o papel, não lhe devia dizer: *Zaïre, vous pleurez*, mas sim: *Zaïre, vous vous roulez par terre.*

Quando os poetas do tempo queriam cantar a natureza, e exprimir os seus amores, inventavam uma natureza decorativa e ornamental, uma Arcadia de que elles eram pastores, e onde as suas amadas, com os nomes ficticios de Marilia e de Lycoris, acceitavam languidamente os seus madrigaes bucolicos.

Como havia um só modelo, uma só regra, como tudo se devia sujeitar ás normas do bom gosto, a critica litteraria excluia despiedosamente do seu Pantheon todas as litteraturas que não fossem perfeitamente correctas, sabias e cortezanescas. Da litteratura grega, da propria litteratura grega não acceitava senão a dos seculos aureos. Eschylo era para ella um barbaro. A litteratura latina, apesar de ser apenas uma litteratura de imitação, como era uma litteratura toda apurada e mondada de exuberancias inconvenientes, obtinha todo o applauso e todo o elogio. As litteraturas medievaes nem mereciam um instante de attenção. Voltaire traduzia Shakespeare em horriveis versos brancos, para mostrar ao publico francez que aquelle diabo tinha mais talento do que em geral se suppunha, e que havia no meio de todas as suas brutalidades, obscenidades e asneiras algumas perolas aproveitaveis. Traduzindo assim o *Brutus* do poeta inglez, publicava ao lado d'essa tragedia informe a sua *Morte de Cesar*, uma tragedia muito penteadinha e correcta, para mostrar modestamente ao publico francez como um homem de gosto sabia tratar esse assumpto que não inspirára ao selvagem Shakespeare senão uma verdadeira monstruosidade.

Assim como aquelle mundo artificial de Versailles se derruio ao primeiro sopro da Revolução, assim tambem todo esse convencionalismo, todas essas cortezanias litterarias, essas Arcadias que eram umas ampliações dos jardins de Trianon, essas tragedias em que não entravam senão pessoas que podessem ser apresentadas a sua magestade, fugiram diante da torrente que invadia a litteratura como invadira a politica.

As periphrases foram supprimidas, entraram nas tragedias os reis e os lacaios, os poetas pintaram a natureza como a viam, sem ser atravez dos vidros côr de rosa dos kiosques dos jardins: dirigiram-se versos ás mulheres sem as transformarem em pastoras, e sobretudo as litteraturas desprezadas, porque eram sinceras, espontaneas e populares, conquistaram o applauso e a admiração. Shakespeare, o mais profundo observador da natureza humana que nunca appareceu no mundo, foi acclamado enthusiasticamente; resuscitaram as litteraturas medievaes, a poesia popular encontrou collecionadores apaixonados e effectuou-se emfim a grande revolução da verdade contra o gosto, da poesia espontanea e sincera contra a poesia arrebicada e artificial.

Garrett achou-se de subito em Inglaterra no meio d'este grande movimento litterario. Leu as elegias de Couper, as balladas de Burns, as poesias de Wordsworth, os estranhos poemas de Byron, os poemas orientaes de Thomaz Moore, os romances de Walter Scott, e a collecção de cantos populares publicados pelo bispo Percy. Reviveu então o seu enthusiasmo infantil pela poesia popular. Lembrou-se das chacaras da tia Brigida e dos contos de Rosa de Lima, e na sua alma de poeta operou-se desde logo a transformação definitiva, que o ia levantar ao logar mais eminente da litteratura portugueza do seu tempo. A collecção do bispo Percy inspirou-lhe a idéa de fazer a collecção do Romanceiro, os poemas de Walter Scott, baseados nas balladas do seu paiz, inspiraram-lhe a idéa de basear a *Adosinda* nos romances populares portuguezes. Mas o seu genio era bastante original para se não limitar a seguir os modelos estrangeiros. Estava lançado n'um caminho completamente novo. Tivera por iniciadores, é certo, os grandes poetas inglezes. Hauria, no grande movimento litterario que em torno d'elle se agitava, o segredo das novas inspirações; mas o seu genio, trabalhando sobre si mesmo, produziu emfim essas duas grandes obras primas, que não teem modelos nas outras litteraturas, e que se chamam *Camões* e *D. Branca*.

O que dá a verdadeira originalidade á *D. Branca* não é ser um poema baseado na mythologia popular do nosso paiz, não é ser um poema medieval, em que se procura estudar a edade media portugueza na sua verdade historica: é o tom humoristico, delicado, finissimo d'esses versos deliciosos, que sobrevivem a todos os poemas medievaes, que então brotaram.

Effectivamente n'esse tempo procurou-se resuscitar a verdadeira edade media, mas, como Taine diz com toda a rasão, á sinceridade dos esforços não correspondia a execução. A edade media era um pouco de phantasia, mesmo a edade media de Walter Scott. A edade media de cartonagem succedeu á antiguidade falsificada: com uma differença porém, e n'isso estava a grande transformação litteraria. Os classicos falsificavam tudo de proposito para metterem a antiguidade dentro dos estreitos moldes da sua litteratura de côrte, e os romanticos falsificavam de boa fé, com o desejo vivissimo de encontrarem a nota verdadeira e sincera. E, digâmos tudo, se os cavalleiros de Walter Scott não se assemelham completamente aos ferozes barões da meia edade, se o Richelieu de Vigny é muito mais dramatico do que verdadeiro, os traços geraes são desenhados com inteira verdade, e a evocação das épocas extinctas não deixa de produzir no espirito dos leitores a impressão geral verdadeira e correcta.

Comtudo o romance e a poema historico tinham os defeitos do *pastiche*, e, reconhecida a difficuldade ou impossibilidade de resuscitar homens que se não conheceram, costumes que se não observaram directamente, a litteratura passou a limitar-se á observação directa dos costumes e dos homens nossos contemporaneos. E' essa a verdadeira transformação que o realismo trouxe comsigo, e ainda assim essa transformação foi iniciada na época romantica. Flaubert e Zola, em vez de seguirem Walter Scott, Vigny e Dumas, seguiram simplesmente Balzac.

Ora Garrett nunca se deixou arrastar pela preoccupação do *pastiche*. O seu finissimo gosto mostrou-lhe o que havia de impossivel n'essas tentativas de reconstrucção, e nem na *D Branca*, nem depois no *Arco de Sant'Anna*, nem nas suas peças de theatro se preoccupou muito com os estudos da época. Estudou o homem, e nada mais. Longe de fazer da *D. Branca* um poema no genero de *Marmion* ou do *Lay of the last mstrinsel*, fez-se o Ariosto da nossa mythologia popular, e foi por isso que o seu delicado poema sobreviveu a todos os *pastiches* do seu tempo, como o *Orlando furioso* aos poemas de cavallaria. O *Camões* foi mais um poema pessoal do que a evocação do vulto do grande poeta. São as tristezas do seculo XIX que suspiram nos labios do grande poeta evocado por outro poeta eminente, e esse subjectivismo adoravel é que dá effectivamente a esse poema o seu prestigio immortal. Para que Garrett, no meio da orgia exuberante do romantismo desencadeiado, seguisse assim o caminho sereno e seguro da immortalidade, contribuiu bastante talvez o ter sido iniciado na nova poesia pela musa britannica. Da escola que surgia tomou todos os predicados sem se deixar enlear nos seus muitos defeitos.

PINHEIRO CHAGAS.

OLHOS AZUES

(A JOÃO DE DEUS)

Minha avó, do Eterno se fallava
era no singular, dizendo—Deus!
mas ao fallar do ceu pluralisava,
dizendo e olhando christãmente—os ceus!

E certa vez ouvi-lhe n'um serão,
—...Profanos! Como a gente assim se mette
quasi a sorrir da santa religião!...—
que os ceus eram em numero de *sete!*

Não creio serem *sete* os ceus, não creio!,
O' minha meiga avó, perdoa pois!
Theologos! Se *sete* são, dizei-o,
que eu penso serem simplesmente—*dois!*

UM SEGREDO ENTRE TRES (Quadro de O. Goldmann)

O LEIGO

(Quadro de H. S. Marks)

UM BANHO AOS PÉS (Quadro de J. Engel)

E estes *dois* que conheço, ó minha amada,
assim azues eu creio os creou Deus;
erra a conta dos *sete:* é conta errada!
Os ceus são *dois*, e são os olhos teus...

ZEBEDEU.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE S. FRANCISCO EM GUIMARÃES

Fez parte de um mosteiro consagrado ao santo patriarcha. Teve começo em 1290. Duas fundações a tornam celebre. A primeira, a ser verdade o que affirma a chronica franciscana, deve-se ao proprio santo, quando passou n'estes reinos, em tempo de D. Affonso II, e verificou-se no logar chamado agora a *Fonte santa*, na freguezia de Sant'Estevão de Urguezes.

A segunda effectuou-se dentro da circumvalação das muralhas, junto á torre velha, onde depois se edificou o recolhimento das irmãs da ordem terceira.

Está esta representada na nossa gravura. Abramos a sua historia. Reinava em Portugal D. Affonso II, quando foi para Guimarães fr. Gualter e outro frade, ambos franciscanos. Depois de passarem algum tempo no cimo da serra, chamada Villa Verde, foram para um hospital proximo, que existia junto á *Torre Velha*. Foi ao longo da parede d'esse hospital que, já em tempo de D. Diniz, o arcebispo de Braga, D. fr. Tello, havia lançado a primeira pedra para o convento onde foram residir fr. Gualter e seu companheiro.

No tempo de S. Domingos foi destruido este mosteiro.

Reinando D. João I (1400) foi o convento reedificado, com a condição de *não ser mais chegado á villa do que estava o de S. Domingos*.

Fr. Gualter foi canonisado e as suas cinzas repousam, em capella propria, na egreja de que tratamos, como resam estas palavras que ali se lêem: *Gualteri tegit hoc venerabilis ossa sepulchrum*. Este sepulchro encobre os ossos do veneravel Gualter.

UM SEGREDO ENTRE TRES

As copiosas libações de boa cerveja tornaram-o fallador. Palavra puxa palavra, a cerveja puxa centos d'ellas, e o velhote não poude resistir á tentação de contar, com promenores picantes, o ultimo escandalo occorrido na visinhança, entre o Faustino e a mulher do Zacharias, uma descarada.

Verdade seja que elle pedio segredo. «Isto não deve passar de nós tres», disse. Mas segredo em bocca feminina é manteiga em focinho de cão, e coisa sabida por tres perde logo o caracter de sigillo.

Amanhã, mulher e marido, os dois velhos a quem foi feita a confidencia, vão badalar tudo nos conventiculos conhecidos da má lingua, e adeus segredo, que te partiste.

Raça damnada de chocalheiros!

UM BANHO AOS PÉS

Deu-lhe na tineta lavar as pequeninas plantas, e foi fazer aquella fresca lavagem á beira d'um regato crystalino, chapinhando alegremente, gostando de ver formarem-se, na superficie limpida da agua, uns circulos concentricos, rindo muito ao divisar, lá no fundo, a sua carinha formosa, onde brincam uns olhos grandes, muito pretos, muito abertos...

E não tem medo. O *Sultão* fiel veio com elle, assistir áquella frescata. Se resvalar pelo talude, até dar com o corpinho no charco, tem quem o salve de maior perigo.

Descancem, que está em boa companhia.

O LEIGO

Se as particularidades que distinguem um ente humano de outro podem occultar-se debaixo do capuz monastico, nem por isso é certo que ficam destruidas. A uniformidade externa que uma assembléa de frades apresenta aos olhos do espectador não vae até aos que fazem os serviços ordinarios da casa. Em todos os conventos ha homens para quem os exercicios espirituaes são singularmente fastidiosos, que teem naturalmente inclinação para as coisas seculares, e que sustentam praticamente, quaesquer que sejam as suas theorias, que a oração e o trabalho são coisas incompativeis. Esses, não ha que duvidar, são, nos conventos, os leigos de serviço, quasi sempre despresados, e muitas vezes escarnecidos pelos outros irmãos devotos. No entanto, é de crer que serão tão bem recebidos ás portas do ceu, por S. Pedro, como qualquer dos outros que tenham mortificado bem a carne.

SCISMANDO

Scisma, e é facil adivinhar em que se concentram todos os seus pensamentos. Aquelle veu, que acabou de analysar e que tem ainda sobre os joelhos, é o seu veu de noiva; deve servir-lhe, d'ali a poucos dias, bordado de flores de larangeira, emoldurando-lhe o bello rosto moreno, dando mais realce aos seus cabellos pretos ondeados e formosissimos.

Pensa no futuro, nas doces noites d'amor e de poesia que vae gozar, a sós com o escolhido da sua alma enamorada, nos idyllios d'uma lua de mel brilhantissima...

Quem sabe se estás sonhando o impossivel, minha bella, e se essa lua d'amor não será ainda ensombrada de lagrimas!

OLHAR!

Eu conheci-te ainda bem creança.
Tinhas nos olhos a ideal doçura
Das virgens de Murillo, e a illuminura
D'um diamante em densa e negra trança.

Loiro! bem loiro, o teu cabello! e casta,
Tão casta e linda a côr dos olhos teus,
Que inda hoje mesmo um teu olhar me basta
Para que eu creia cegamente em Deus!

Olhar tão terno e santo, olhar tão doce
Nunca encontrei! a gente até estremece
Vendo-a de perto... assim como se fosse
Uma visão que ali apparecesse!

Pois esse olhar... (se tu soubesses bem
Quanto elle anima um coração já morto!...)
Acaricia mais que o olhar de mãe,
Porque é, emfim, o meu melhor confôrto...

Até n'um dia da semana santa,
Ao vêr-lhe o olhar, tão meigo e contristado
Aquelle olhar que nos atrahe e encanta,
Fui prostrar-me a seus pés, allucinado.

Assim como o Romeu de Shakspeare,
N'um extasis d'amor extraordinario!
E que eu imaginei que ia a sair,
Aquella hora, a Virgem do Calvario...

Sabrosa, 1885. TEIXEIRA COELHO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este adverbio cava e abriga—1—1

Este recinto corre e ganha-se—2—2.

Esta egreja e esta ilha, que corre, escreve muito—1—2—2.

M. Côco.

Na musica é verbo e cança—1—2.

Porto. A. F. SIMÕES BRANDÃO.

Na Africa, na Europa e na America está uma povoação de Portugal—1—1—2.

MASCARADA.

EM VERSO

No principio da imprensa
quem me não ha de encontrar?—1
Que tem ruim coração
eu até ia jurar—1

Com accento, este pronome
em adverbio se muda—1
que faz a gente ao escutar
anecdota fina, aguda?—1

E' dos barbaros do sul
um vestigio que ficou,
e tambem como *outra cousa*
já em tempo se empregou—1

Em nenhum logar se *vê*
nem na terra nem no mar;
nem olhando o mundo todo
has de o todo *contemplar*.

MASCARADA.

ADAGIO

Este adagio começa pela lettra G e termina pela lettra A.

M. D. MONTEIRO JUNIOR.

ADIVINHAS POPULARES

Quasi sempre vivo preza,
Por ter boa criação.
Guardo tudo o que me dão,
Sou da primeira nobreza,
Mas não descendo d'Adão.

Todos gostam d'apalpar-me,
Mas ninguem inda me achou.
De tristeza origem sou,
E só pode aniquilar-me
O melhor que Deus creou.

Belem. J. D'OLIVEIRA D'ARAUJO.

LOGOGRIPHO

(A ex.ma sr.a D. Candida Amelia Vellozo)

N'esta bella ilha da Europa—1—7—3—6—5—7
Uma mulher conheci.—2—3—3—7
Ella d'isto foi tirada,—3—2—4—2
E eu por esta já medi.—1—7—3—2—6—7

Nego já ser appellido,
Porque é nome conhecido.

Calle. O SOBRINHO JOSÉ.

PROBLEMA

(Extrahido dos antigos jogos do *Casse tête*)

Com vinte triangulos rectangulos eguaes, cujos cathetos estão na relação de 2 : 1, formar um quadrado, ou cinco quadrados eguaes.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Morte—Azarola—Camelão—Camarço—Reger—Rallar—Rata—A A A A A
A B R I A
A R E N A
A I N D A
A A A A A

R a j a d a
j a v a l i
d a l i l a

DO LOGOGRIPHO:—Constantinopla.

DO SALTO DE CAVALLO:—Do alto d'aquellas pyramides trinta seculos vos contemplam. Palavras de Napoleão ao exercito, antes da batalha ganha a vinte e um de julho de mil setecentos noventa e oito no Egypto.

DO QUEBRA-CABEÇAS (do n.º 29):—C ora l
o bic e
b olo s
r ati m
a rar a
s ino s

A RIR

Um pae severo exprobrava a seu filho o entreter amores com uma *cocotte* qualquer, da peior estofa.

—Recommendei-te sempre que seguisses a linha recta, diz elle.

—Mas eu cumpri á risca a sua recommendação, papá.

—Ainda se atreve a affirmal-o?

—Ainda e sempre. Mas como o papá me não disse que linha recta devia seguir, e ha muitas, segui uma... *horisontal*. Ora ahi está.

*

Foi chamado um barbeiro para escanhoar a barba d'um defuncto. A viagem para o outro mundo não dispensa estes cuidados.

Antes de feita a operação, e segundo o seu costume, o mestre Figaro pergunta com a maior naturalidade ao morto:

—Quer agua fria ou quente?

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O laudanum é um dos medicamentos mais usados nas familias, mas devemos sempre lembrar-nos de que produz envenenamentos perigosos.

Quando isto succeda, deve logo ministrar-se ao doente uma infusão de café verde, para facilitar os vomitos.

O medico fará o resto.

O HOMEM DO PALETOT

O Arthur via-o ás vezes, fallando com o guarda-portão. Era um homem alto, muito trigueiro: usava a barba crescida e *paletot* cinzento, enodoado, rôto nos cotovellos. Indicava muita pobreza: atravez dos sapatos razos, já velhos, cambados, descobriam-se-lhe os dedos dos pés sem meias. Mas tinha uma cara risonha, sympathica.

Eram visinhos. Quando o Arthur descia a escada, elle tirava logo o chapeu, humilde, serviçal, attencioso:

—Viva, senhor Arthur!

E desviava-se para o lado, com respeito.

O rapaz conhecia-o já. Encontrava-o quasi todos os dias, fallando com o guarda-portão: habituara-se a ver aquelle homem ordinario «que era tão delicado», dizia. E ás vezes dava-lhe um pataco:—tome lá... é para cigarros.

Tinha dó d'aquella miseria evidente, que não se mostrava com pedidos choramigados, nem com lagrimas de armar ao effeito. Debaixo d'aquelle casaco despedaçado devia bater um coração nobre. Aquelles andrajos occultavam, de certo, um homem digno, perseguido pela adversidade.

Via n'elle um infeliz, soffrendo privações, fome talvez, e sentia não ser rico para o tirar d'aquella miseria. Vinham-lhe então uns grandes desejos de ter muito dinheiro para fazer bem, não aos que pedem de porta em porta—dizia—: a esses não: mas ha inumeras desgraças por essa cidade, e era ahi que eu iria deixar esmolas avultadas...»

Seria a Providencia de muita gente necessitada, mas sempre na sombra: nunca lhe saberiam o nome: quereria exercer a caridade secretamente, como aquelles personagens providenciaes que ella vira n'alguns romances, e que sempre appareciam a tempo de evitar uma desgraça, uma resolução desesperada.

Teria todas as commodidades «lá isso havia de ter!» mas teria tambem uma especie de policia bem montada, á sua custa, e em roda de si pessoas votadas de corpo e alma á grande missão de fazer bem.

Saberia tudo que se passasse nas differentes camadas, desde as sobre-lojas mesquinhas até á miseria dourada que elle a cada passo encontrava ahi pelas ruas—miseria que adivinhava, occulta nas sedas, no luxo exterior, nos carros soberbos com cavallos de preço e lacaios agaloados.

Quereria moralisar o mundo, ensinar a humildade, a economia, e mostrar os inconvenientes do luxo ás classes pouco abastadas.

Parava ás vezes na rua, a seguir com o olhar alguma rapariga modestamente vestida que passava; presentia-a pobre, triste, vivendo do trabalho, luctando com difficuldades, com mil faltas, mas sempre honesta. Se tivesse dinheiro seguia-a, indagava, e depois tirava-a de apuros.

—Que bom deve ser o fazer bem!

E ficava pensativo, ante-gosando um prazer que mal sentia uma vez ou outra, quando dava esmola a algum pobre. Mas aquillo não o satisfazia. Os mendigos tinham sempre a mesma cantilena monotona, e se o encontravam depois, nem o reconheciam.

Uns ingratos!

Havia apenas um, a quem elle nunca se arrependia de dar: o pobre do *paletot*. Aquelle sim: na vespera, até lhe pareceu que o

homem chorava de alegria ao receber o tostão que lhe déra.

N'esse dia indagou no guarda-portão ácerca do visinho: o guarda pôl-o ao facto e disse tudo o que sabia do Raymundo, assim se chamava:

—Aquillo é um triste *desinfeliz*, casado, com mulher e filhos! E' um louvar a Deus o que lá vae n'aquella casa! E até ás vezes não lhe entra de portas a dentro nem um pedaço de pão. Como quem o sabe! Imagina lá! Despediram-no do trabalho, e a pobre da mulher ahi anda, a envergonhar-se com toda a gente, para dar de comer aos pequenos. E' um dó d'alma!...

SCISMANDO

*

No domingo seguinte estava elle no quarto, quando sentiu bater de vagar á porta.

—Quem é?

—Sou eu, senhor Arthur...

Foi abrir: era o Raymundo, o do *paletot*. Vinha acanhado, vergonhoso.

—Entre. Então o que quer?

—E' que eu...

—Diga lá. Esteja á sua vontade.

—Ah! senhor Arthur! Se *vósenhoria* soubesse...

—Então?... Diga d'uma vez. Está apoquentado?

—Não sei que voltas hei de dar á minha vida...

—Que aconteceu?

—O senhor desculpará, mas eu lembrei-me do senhor Arthur, que já algumas vezes me tem valido... E vae d'ahi... sim... tive aquella de me abrir com *vósenhoria*...

—Mas que é?

—E' que tenho a mulher de cama, e vae eu... como foi Deus Nosso Senhor servido dar um petiz á companheira... Olhe, senhor Arthur: não tenho para comprar um frango p'r'á pobre de Christo! E vae eu...

Enrolava o chapeu nas mãos, muito vermelho de vergonha.

O Arthur sentiu-se abalado.

—Ora essa! Então por isso está tão envergonhado?! Não ter não é deshonra nenhuma. Tambem eu não sou rico.

E ria-se, para o animar.

—Olhe... ora veja lá: o meu dinheiro são dez tostões e nem por isso... Não se apoquente, que ainda chega para os dois...

E deu-lhe uma corôa.

Quando o Raymundo saiu, elle ficou em cima, no patamar, scismando:

—Uns com tanto e outros com tão pouco! Se eu tivesse...

Mas ia jantar fóra, a casa d'um parente, e foi vestir-se. Eram duas horas quando chegou á rua. Desceu a calçada do Duque até ao Rocio, e metteu pela rua de Santo Antão. Havia quasi á esquina um grande ajuntamento: partira-se o eixo d'um carro da companhia: os policias giravam d'um lado para o outro, e dois sujeitos traziam nos braços uma senhora desmaiada, que levavam para a tabacaria proxima.

O Arthur, arrastado na onda do povo, entrou na taberna ao lado, para fugir ao apertão.

Um rapaz, de avental branco e em mangas de camisa, enchia dois copos á torneira. Ao pé esperavam dois homens, com as costas voltadas. Quando acabaram de beber, um d'elles deu um estalo com a lingua:

—Uma faca não o corta! Boa pinga, sim senhor! Tinha você razão, tio João!...

E, mettendo a mão no bolso, deu ao rapaz uma moeda de cinco tostões novos. O outro limpava os beiços com a manga do casaco, e ria satisfeito.

—Isto é cá p'r'ós freguezes, meu velho!

O Arthur saiu muito apressado, corando. Tinha reconhecido o porteiro do predio onde morava, e o homem do *pal-tot*.

D'ahi em diante nunca mais deu esmolas a ninguem.

LORJÓ TAVARES.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA